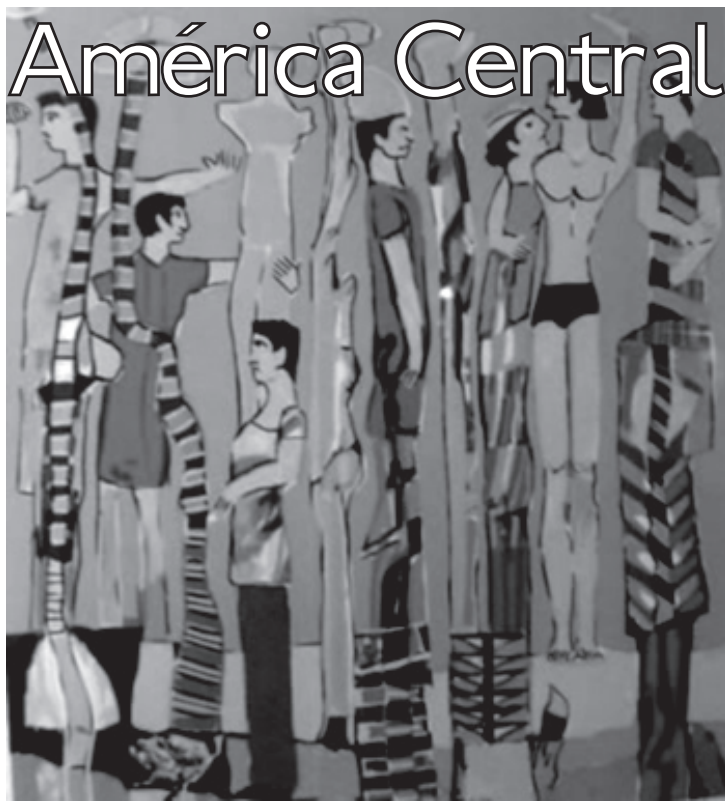


América Central



As perspectivas da revolução, trinta anos depois

BERNARDO CERDEIRA

EDITOR DA REVISTA MARXISMO VIVO

O dossiê sobre a América Central que apresentamos nas páginas seguintes obedece a uma dupla motivação: uma histórica e outra totalmente atual. Duas datas, separadas no tempo por três décadas, simbolizam o processo histórico e marcam as contradições e tendências da situação política atual da América Central.

Em 19 de julho comemoram-se os **trinta anos da Revolução Nicaragüense** que derrubou o ditador Anastácio Somoza. Encabeçando os festejos oficiais estarão muitos dos ex-comandantes da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), especialmente Daniel Ortega, atual presidente do país e o principal dirigente da organização que voltou ao governo nas últimas eleições nacionais.

No dia 1º de junho, por outro lado, tomou posse Maurício Funes, o novo presidente de El Salvador, eleito pelo partido Frente Farabundo Martí



de Libertação Nacional (FMLN). Com ele aparentemente chega ao governo a organização que organizou e dirigiu as forças guerrilheiras que lutaram durante 12 anos (1980-1992) na guerra civil que matou cerca de 70 mil pessoas neste pequeno país de menos de seis milhões de habitantes. E dizemos aparentemente porque na realidade a FMLN é uma caricatura da organização guerrilheira do passado.

A eleição de Funes expressa, de forma distorcida, uma profunda mudança que vem se dando em todos os países da região. Com atraso, depois de anos de governos neoliberais, a América Central se soma à mesma dinâmica da América Latina: a insatisfação das massas que gerou inúmeras lutas se expressa finalmente na eleição de governos populistas de “esquerda” que eventualmente adotam um discurso nacionalista. Além dos dois mencionados acima, também o governo de Manuel Zelaya em Honduras resolveu aderir à ALBA (Alternativa Bolivariana para América Latina e Caribe, que reúne também Venezuela, Cuba, Bolívia, Dominica, Equador e Nicarágua).

Embora separados no tempo por três décadas, os acontecimentos atuais estão intimamente ligados ao processo revolucionário do passado e às suas contradições e impasses. Fundamentalmente nos interessa entender as tendências dinâmicas da realidade atual, que só podem ser explicadas em relação àqueles grandiosos acontecimentos revolucionários. Este é o sentido deste

dossiê que tem como objetivo ajudar as novas gerações de revolucionários latino-americanos e, principalmente centro-americanos, a entender melhor e atuar sobre a nova realidade da qual estes governos são um elemento central.

Há trinta anos: um dos centros da Revolução Mundial

A América Central, esta região constituída por seis pequenos países (El Salvador, Nicarágua, Guatemala, Honduras, Costa Rica e Panamá) já foi um dos centros da revolução mundial durante o fim dos anos 70 e toda a década de 80. Esta situação foi aberta com a derrubada da ditadura de Somoza por uma imensa insurreição de massas encabeçada pela Frente Sandinista em 1979.

Mais do que uma guerra de guerrilhas a Revolução Nicaraguense foi uma grande ação insurrecional das massas urbanas contra a ditadura de Somoza. Assim atestaram os próprios comandantes da FSLN:

O comandante sandinista Luis Carrión assinalou: “O elemento predominante de nossa guerra foi a insurreição”. O comandante Joaquín Cuadra relatou: “Explodiam mini-insurreições espontâneas que demonstravam uma grande combatividade e uma extraordinária firmeza por parte das massas, enquanto as estruturas políticas e militares de vanguarda experimentavam um notório atraso”. O comandante Javier Carrión sintetizou: “A guerra foi ganha praticamente pela participação do povo, sem isso nós não teríamos feito grande coisa”. E o próprio comandante Ortega disse: “... o peso fundamental da luta armada foi levado por nosso povo... Poderíamos dizer que as massas estiveram em um estado de insurgência permanente... A insurreição popular na Nicarágua... foi um fenômeno parido por todo o povo e fundamentalmente pelos mais humildes, os trabalhadores mais explorados e oprimidos do campo e da cidade... Foram nossas massas as que disseram à sua vanguarda, a Frente Sandinista: ‘Esta é a forma de luta!’. Nós, a vanguarda, não fizemos mais que colocar-nos à frente dessa vontade, dessa decisão, dessa atividade popular.

A vitória da FSLN deu um enorme impulso às lutas operárias e populares em todos os países da região e estimulou outros movimentos guerrilheiros. O levantamento de massas mais importante, depois da Nicarágua, deu-se em El Salvador. Alguns meses depois da vitória da Revolução Sandinista e no mesmo ano de 1979, este país viveu um processo de lutas operárias urbanas que derrubou o ditador, general Romero.

No entanto, este extraordinário movimento foi traído pelo Partido Comunista, que compartilhou o governo burguês do coronel Majano e desmobilizou as massas, permitindo que a contrarrevolução se rearmasse e desencadeasse um verdadeiro genocídio da vanguarda revolucionária do país.

A dura derrota produzida por esta traição obrigou as organizações de esquerda a uma ação defensiva cujo principal movimento foi o de deslocar-se das cidades para o campo, organizando a guerrilha rural, enquanto nas cidades passavam a atuar em forma clandestina.

Em um breve, porém original e instigante, ensaio intitulado *América Central: seis países, uma nacionalidade, uma revolução*, que reproduzimos

neste número da *Marxismo Vivo*, o marxista argentino Nahuel Moreno assinala a profunda unidade dos processos de luta de classes em toda a região, produto da formação histórico-social e da relação particular dos países que a constituem com o imperialismo:

...o triunfo da revolução nicaraguense contra Somoza abriu uma etapa revolucionária em toda América Central, o que constitui uma caracterização mais correta que limitar-se a ver as repercussões da vitória contra Somoza na luta revolucionária que se leva em El Salvador. Poderíamos precisar ainda mais, assinalando que antes da queda de Somoza a situação era pré-revolucionária, mesmo quando sua vanguarda, a Nicarágua, já vivia uma situação revolucionária, de guerra civil. A vitória das massas nicaraguenses contra a ditadura fez com que toda a situação centro-americana mudasse.

Como em toda situação similar, há setores de vanguarda e há também setores - neste caso, países - na retaguarda, mas o conjunto das nações centro-americanas é parte do mesmo turbilhão revolucionário. Isto é o que explica a demasiada importância que o imperialismo norte-americano concede a El Salvador, assim como o silêncio cúmplice da imprensa imperialista sobre a Guatemala. Toda análise que tome como ponto de partida a caracterização de um ou outro país é, por isso mesmo, equivocada e é cair na armadilha construída pelo imperialismo e pela política contrarrevolucionária do stalinismo e do castrismo.

O enfrentamento a esta política contrarrevolucionária deve, pois, começar por **afirmar a caracterização de que na América Central há um só processo objetivo e de conjunto, o de uma revolução operária, contra o imperialismo norte-americano, e que tende à unificação em um só Estado de todo o istmo.**

Moreno assinalou também, com total clareza, o caráter de classe, operário e socialista, da revolução centro-americana apesar de que esta tivesse, em um primeiro momento, um eixo anti-ditatorial e anti-imperialista. Da mesma maneira explicou que, apesar de suas naturais desigualdades, a luta de classes tendia a combinar os processos em cada país em um todo regional contra o imperialismo. Em suas próprias palavras:

A revolução em curso na América Central, que por seus objetivos imediatos em alguns países aparece como democrática - abater ditaduras sanguinárias -, é uma revolução operária e socialista, em relação à dinâmica de classe e objetivos gerais. Em cada um dos países, os trabalhadores enfrentam os governos burgueses e agentes diretos do imperialismo, convertendo-a numa luta contra a expressão política e econômica da exploração capitalista e imperialista. Por outro lado, como luta de conjunto das massas centro-americanas que tendem à unificação num só Estado, enfrenta diretamente o imperialismo norte-americano, que sustenta e obtém os máximos proveitos da divisão da região em seis Estados nacionais diferentes.

Reação imperialista e traição das direções guerrilheiras

Mas, ao mesmo tempo, Moreno ressaltava que estas características de unidade regional do processo da luta de classes na América Central valem não só para o desenvolvimento da revolução como para seu retrocesso. Esta foi uma de suas mais importantes previsões, que ajudam a explicar a derrota da Revolução centro-americana pela política de reação democrática do imperialismo combinada com a traição das direções guerrilheiras, assim como o período reacionário que se abriu nos anos posteriores. Na América Central, por suas características regionais, aplica-se ainda mais intensamente a dinâmica internacional da revolução socialista:

Na América Central, não pode ocorrer um triunfo revolucionário que, ao permanecer isolado em alguns dos países, possa manter-se por muito tempo. Isto se deve a um conjunto de razões derivadas da unidade geográfica, econômica e ainda política da América Central. Uma revolução operária triunfante constituiria um alvo fácil para os exércitos dos outros países da região ligados estreitamente ao aparato militar estadunidense. Este perigo só poderia ser superado pelo desenvolvimento geral do processo revolucionário em toda a América Central, o que por outro lado seria inevitável dado o entusiasmo e as repercussões de todo tipo que tal triunfo desperta.

A política do imperialismo americano para a revolução centro-americana teve duas faces. Por um lado, acossar o governo da FSLN com a contrarrevolução armada da guerrilha dos “contras”, ao mesmo tempo em que enfrentava militarmente a FMLN treinando e armando o Exército salvadorenho.

Mas, ao lado destas ações militares, a principal e verdadeira política do imperialismo e seus aliados era fazer retroceder a revolução por meio das negociações e pressões sobre a FMLN para que capitulasse aos seus propósitos e firmasse um Acordo de Paz, abandonando a idéia de tomar o poder e instituir um governo “democrático e popular”. Este foi o objetivo fundamental do Grupo de Contadora.

Para que esta política fosse vitoriosa, o imperialismo americano contou com a colaboração valiosa de Fidel Castro, da burocracia cubana e dos Partidos Comunistas centro-americanos, principalmente o PC de El Salvador, dirigido por Shafik Handal. A política de Castro desde a revolução de 19 de julho de 1979 foi que **Nicarágua não será uma nova Cuba**, deixando claro que não estava a favor de que o governo sandinista expropriasse a burguesia como ele mesmo havia feito em Cuba na década de 60. Da mesma forma, o governo cubano, já então apoiado pelo governo da Frente Sandinista na Nicarágua, passou a ser um elemento decisivo para pressionar a FMLN para que esta mudasse sua estratégia de tomar o poder, e passasse a participar das negociações para estabelecer acordos de paz. E o Partido Comunista, com Shafik à cabeça, foi um elemento fundamental para que esta política obtivesse êxito.

Na introdução às *Teses sobre o guerrilheirismo*, outro importante texto relacionado ao tema que analisamos neste dossiê, Moreno explica e ressalta o papel dos PCs latino-americanos na tarefa de desmontar por dentro o processo revolucionário centro-americano. Neste trabalho, onde dá grande



importância à análise dos processos guerrilheiros centro-americanos, Moreno observa que os Partidos Comunistas passaram de inimigos a admiradores e, em alguns casos, participantes da guerrilha. Explica esta mudança brusca em sua política, pelo fato da orientação anterior da burocracia soviética (e dos PCs) – impedir a revolução através do apoio às ditaduras de Batista em Cuba e Somoza na Nicarágua – ter produzido o surgimento de direções de tipo pequeno-burguês revolucionário, independentes do stalinismo em um primeiro momento e que chegaram ao poder: o castrismo e o sandinismo. Moreno explica como esta nova política, tão sinistra e contrarrevolucionária como a anterior, foi posta em prática no caso de El Salvador:

A essência do giro à esquerda do stalinismo poderia ser resumida da seguinte forma: se já não podemos impedir as revoluções opondo-nos frontalmente a elas, vamos destruí-las por dentro. Para isso, em lugar de continuar acusando as direções guerrilheiras e o resto da esquerda de ultras e provocadores a serviço do imperialismo, vamos nos unir a eles em uma frente de esquerda; participemos das lutas, inclusive armadas, em vez de nos opormos a todas. Desta forma, com paciência e aparato, terminaremos controlando.

Esta nova tática já deu ao stalinismo um sucesso importante em El Salvador. Os guerrilheiros salvadorenos odiavam os regimes pró-imperialistas e queriam destruí-los, da mesma forma que os sandinistas odiavam e queriam destruir Somoza. Mas desde que o PC salvadorenho uniu-se a eles na guerrilha e começou a controlá-la, o programa da FMLN foi baixando de tom até chegar à sua proposta atual: já não fala de liquidar Duarte, mas de estabelecer um “diálogo nacional” para “reorganizar” o governo genocida. No caminho ficou o cadáver de alguém que se opunha: Salvador Cayetano Carpio.

Das trincheiras aos palácios ou da guerrilha aos novos governos burgueses

As capitulações das direções guerrilheiras, conduzidas conscientemente por Castro e pelos Partidos Comunistas, terminaram nos “acordos de paz” de El Salvador. Por outro lado, o primeiro governo de conciliação de classes da FSLN terminou com sua derrota eleitoral diante de Violeta Chamorro em 1990.

A América Central viveu uma década, a de 90, marcada por uma situação reacionária para as massas, caracterizada por uma ofensiva do imperialismo e das burguesias nacionais para implantar planos neoliberais em todos os países da região.

Neste contexto, as antigas direções guerrilheiras buscaram transformar suas organizações em partidos eleitorais perfeitamente adaptados às instituições do estado burguês e ao funcionamento do regime “democrático”.

Depois da derrota das eleições de 1990, a FSLN continuou controlando as Forças Armadas, a principal instituição do Estado burguês. Sua degeneração ficou evidente nos vários escândalos de corrupção em que seus dirigentes estiveram envolvidos. Por outro lado, caracterizou-se por um pronunciado giro à direita em sua política. O atual governo de Ortega é uma caricatura

grotesca de uma direção que se dizia revolucionária.

A FMLN, por seu lado, integrou-se completamente ao regime democrático-burguês, elegendo deputados e governando várias das principais prefeituras, inclusive a da capital, San Salvador, sem grandes conflitos com o governo nacional, dominado pela ultradireitista ARENA.

No entanto, nos últimos anos produziu-se uma mudança na situação da luta de classes na América Central. A partir da luta de massas na Costa Rica contra a privatização do ICE (Instituto Costarricense de Eletricidade) em 2000, começa de novo um período de crescimento de lutas populares contra os planos neoliberais e a ofensiva imperialista na região. Um dos mais importantes exemplos foi a recente luta contra o TLC, também na Costa Rica.

Os novos governos surgem justamente das contradições deste processo. Por um lado, refletem de forma distorcida a insatisfação das massas com sua situação de penúria e miséria, assim como sua crescente consciência anti-imperialista e de oposição aos velhos governos da direita neoliberal. Por outro lado, são governos burgueses que têm como objetivo a preservação do capitalismo e do Estado burguês. Sua tarefa imediata é conter a revolta das massas e seu processo de mobilização no âmbito do regime democrático-burguês, preservando desta forma o sistema capitalista e suas instituições.

São, portanto, governos burgueses que utilizam muitas vezes um discurso progressista, “social” e até (ocasionalmente) “anti-imperialista” para controlar melhor as massas, desmoralizá-las e impedir que avancem em sua consciência.

Circunstancialmente, estes governos podem chegar a fazer algumas reformas cosméticas ou tomar medidas “assistencialistas”, como as *Misiones* venezuelanas ou a Bolsa-Família no Brasil. No entanto, vão aplicar, em essência, o mesmo plano econômico do imperialismo. Funes deixou claro que não tem intenção de tocar na dolarização salvadorenha e nem pretende mudar nada do Tratado de Livre Comércio EUA-América Central e Dominicana. Também não é casual que nem sequer mencione a possibilidade de convocar uma Assembleia Constituinte para enterrar de vez o regime autoritário de El Salvador e reestruturar o país para a maioria trabalhadora e camponesa. No entanto, esta política submissa ao imperialismo gera enormes contradições.

As grandes aspirações das massas centro-americanas estão por se resolver. O imperialismo oprime e explora estes países ao extremo, mantendo suas frágeis economias aprisionadas num famigerado TLC. Não há direitos trabalhistas para os trabalhadores das “maquilas” que constituem grande parte da classe operária da América Central. Não há liberdade de organização sindical nem direito de greve na maioria das empresas privadas. A imensa maioria dos camponeses pobres está muito longe de ter o direito à sua parcela de terra.

Milhões de trabalhadores e camponeses de toda a América Central foram obrigados a emigrar, principalmente aos Estados Unidos, para tentar minorar sua pobreza. Lá são brutalmente explorados, muitos permanecem na ilegalidade, sem contrato de trabalho nem direitos e são os primeiros a ser atingidos pela crise econômica. Por outro lado, a emigração produz enormes problemas sociais nos países da região entre os quais a desintegração familiar, a marginalidade social de um importante setor da juventude, a violência das gangues de jovens (as *maras*) que são expulsos e repatriados dos Estados Unidos, etc.

Por outro lado, em todos os países centro-americanos, com exceção da Costa Rica, persistem regimes com fortes características autoritárias, baseados em constituições elaboradas por governos militares ou controlados por eles. A existência destes regimes é o resultado direto dos Acordos de Paz em El Salvador e Guatemala (que em grande parte condicionaram a situação em Honduras) e do acordo da FSLN com a burguesia nicaraguense, depois de sua derrota eleitoral. Ou seja, à medida que as ditaduras não foram derrubadas pela mobilização popular, as burguesias nacionais, apoiadas pelo imperialismo, puderam garantir recursos autoritários em poder do Estado para reprimir e controlar a liberdade de organização e manifestação das massas.

Todas estas contradições exigem uma urgente resolução para a grande maioria do povo centro-americano. Por isso, não é de se estranhar que, diante deste quadro, os trabalhadores, camponeses e setores populares depositem enormes expectativas em governos como o de Funes. No entanto, seja pela fragilidade da economia destes países, seja pela crise econômica mundial que se abate sobre todo o mundo, mas que atinge com mais força os países mais débeis, estes governos não têm possibilidade de atender satisfatoriamente, e de forma sustentada, a estes reclamos.

Abre-se, portanto, uma etapa de experiência da classe operária e das massas com estes novos governos burgueses, tornando-se inevitáveis os choques com eles. Mas, com isso, existe também a possibilidade de se construir uma alternativa de esquerda a estes governos em toda a região. Esta tarefa, que exige, entre outras coisas, a elaboração de um programa anti-imperialista, revolucionário e socialista, sintetiza-se na construção de um forte partido revolucionário centro-americano ligado a uma internacional revolucionária. Nela reside o grande desafio para os revolucionários centro-americanos.

Trinta anos depois: é preciso uma direção operária, revolucionária e socialista

A capitulação dos movimentos guerrilheiros, sua posterior adaptação à democracia burguesa e finalmente sua chegada ao poder como parte de governos burgueses mostra sua falência como direção socialista revolucionária. É uma decorrência direta do seu caráter de classe pequeno-burguês

Depois da vitória da revolução sandinista, a maioria absoluta das organizações de esquerda no mundo, inclusive as que se proclamavam revolucionárias e inclusive trotsquistas, exaltavam o governo da FSLN como um governo revolucionário ou “operário e camponês” e a FMLN como uma direção revolucionária.

Houve uma única corrente política internacional, com presença na região, que alertou que a orientação da FSLN, FMLN e Cuba levavam a revolução centro-americana ao desastre e à derrota. Uma única organização, a Liga Internacional dos Trabalhadores (LIT-QI) fez uma campanha internacional permanente contra o Acordo de Contadora.

A corrente trotsquista que originou a LIT, a Fração Bolchevique da IV Internacional (Secretariado Unificado), deu grande importância à revolução nicaraguense e centro-americana. Um dos maiores exemplos foi a constituição da Brigada Simón Bolívar, organizada pelo PST colombiano e outros partidos

da FB para lutar na Nicarágua (ler artigo neste dossiê).

Infelizmente, ao contrário de outros países da América Latina como o Peru, Bolívia, Argentina ou Brasil, o trotsquismo na América Central carecia de tradição e suas organizações eram muito débeis. As primeiras nasceram na década de 70 e logo tiveram que enfrentar grandes organizações de massas como a FSLN e a FMLN. Naquela época, a política da LIT foi reprimida, como no caso da Brigada Simón Bolívar pelo governo da FSLN, seus alertas foram escutados por poucos e sua incidência limitou-se a pequenos setores de vanguarda.

Hoje, a situação é outra. As lutas operárias e populares em breve chocar-se-ão com o governo da FMLN, assim como hoje são reprimidas pelo governo de Ortega na Nicarágua. Os mais combativos e honestos ativistas de vanguarda, que conservam uma perspectiva revolucionária e socialista, só podem encontrar decepções e traições nos governos Funes e Ortega.

Trinta anos depois da Revolução Nicaraguense, está colocada pela primeira vez a possibilidade de se construir uma nova direção revolucionária para as massas. E desta vez se abre uma oportunidade real para as organizações trotsquistas.

Infelizmente, quando esta possibilidade é concreta, muitas organizações que se dizem trotsquistas, algumas inclusive que militaram nas fileiras da LIT e depois romperam com ela, orientam-se pelo apoio, mais ou menos velado, ao governo da FMLN da mesma forma que o SU apoiou o governo da FSLN. Como dizia Marx, a história se repete como farsa, porque os governos de Funes e Ortega nem sequer procuram cobrir-se com um verniz revolucionário.

O trotsquismo principista é a única corrente que pode reivindicar o caráter progressista da luta da guerrilha original da FMLN encabeçada por Salvador Cayetano Carpio, ao mesmo tempo em que propõe construir uma nova alternativa socialista internacionalista e operária de massas. Coerentes com esta postura, os partidos da LIT na região mantêm uma linha de oposição de esquerda a estes governos e lutam para construir uma alternativa de classe, revolucionária e socialista a eles.

A situação presente da luta de classes na América Central coloca um grande desafio para os novos grupos e ativistas da vanguarda revolucionária em todos os países da região: construir uma forte organização revolucionária que retome a verdadeira herança de Farabundo Martí e Sandino, traída e conspurcada pelas atuais direções da FSLN e da FMLN. E, por outro lado, moldando esta herança com o caráter internacionalista e de classe do trotsquismo.

